

---

# NARRATIVA JUVENIL BRASILEIRA NO ACERVO PNBE 2013: FACES URBANAS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Mirian Hisae Yaegashi Zappone<sup>(\*)</sup>

## PROBLEMATIZANDO A REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA: DUAS PESQUISAS

Em 1985, Fúlvia Rosemberg publicava *Literatura Infantil e Ideologia*, texto no qual apresentava resultados de uma pesquisa que analisava 168 livros infanto-juvenis brasileiros editados ou reeditados entre os anos de 1955 e 1975 e que circulavam no mercado editorial brasileiro. Utilizando-se de abordagem quali-quantitativa, a pesquisadora tinha como objetivo estudar a relação entre adulto/crianças, verificando a bipolarização dominador-dominado a partir da observação de categorias relacionadas à idade, ao sexo, à cor e à etnia das personagens dos livros. Sua unidade de análise foram as personagens presentes na ilustração, no texto e seus comportamentos.

Os achados de Rosemberg figuraram, na década de 1980, como um dos primeiros panoramas sobre representação social da literatura infanto-juvenil. A partir de dados qualitativos, a autora observou que na esfera da produção, a maior parte dos agentes eram homens atuando como autores, ilustradores ou diagramadores. Do total de narrativas, observou que 90% delas haviam sido produzidas no eixo Rio-São Paulo, evidenciando que os centros maiores tendem a “impor os produtos culturais que lhes são específicos a outras populações que possuem traços próprios, fazendo eclodir, ou mesmo destruindo suas peculiaridades” (Idem, p.46). Quanto à autoria, esta era frequentemente masculina (78% autores x 28% autoras), com predominância de autores maduros (com idades entre 40 a 59 anos), nascidos antes de 1920.

Na análise das personagens, outros pontos chamaram atenção: mulheres eram minoria dentro das histórias e apareciam quase sempre como coadjuvantes, pois as aventuras eram sempre vivenciadas por meninos. O protagonismo das histórias quase nunca era de mulheres, de modo que, sobre a representação dos gêneros, a autora afirma:

---

<sup>(\*)</sup> Professora Associada do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Doutorado em Literatura e outras manifestações culturais pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Realiza, atualmente, estágio de pós-doutorado na Universidade de Brasília, sob a supervisão da Profa. Dra. Regina Dalcastagnè. Email: mirianzappone@gmail.com

---

Quem tiver dúvidas que mulheres brasileiras – de idade, etnias, origens sociais as mais diversas – são seres discriminados, basta ler ou ver atenciosamente os livros infanto-juvenis publicados no período delimitado para esta pesquisa. Da mesma forma que personagens negras, índias, nisseis, judaicas e mestiças de todas as etnias, as mulheres recebem um tratamento equivalente ao de coadjuvante. E mesmo assim, com traços e atributos estereotipadamente marcados. (Rosemberg, 1984, p 98).

Sobre a cor e raça das personagens, a autora chama atenção para as estratégias discriminatórias e veladas que estavam presentes nas narrativas estudadas e sobre a discriminação sofrida por grupos minoritários como negros e índios:

A discriminação contra grupos não-brancos aparece na literatura infanto-juvenil brasileira constantemente, tanto de forma aberta, quanto latente, sem, porém, que se valorize um discurso declaradamente preconceituoso. Na verdade, o que se observa com maior frequência, é a associação entre um discurso igualitário (por exemplo, o narrador condena o preconceito) e a veiculação de discriminações mais ou menos latentes (por exemplo, a cor negra discriminada). (Idem, p. 80).

Quanto à qualidade estética dos textos, Rosemberg (1985) assinala a má qualidade, chamando as histórias de “prosaicas”, já que imbuídas de conteúdos didáticos, pouco interessantes e mal elaboradas. As temáticas escolhidas giravam, invariavelmente, em torno de um princípio moral, uma tese didática a ser encenada. Por isso, “nenhuma outra motivação é tão importante quanto o ensinamento e a demonstração dos bons princípios éticos, mesmo quando acarreta artificialismo, inverossimilhança e contradição na criação do personagem e do contexto.” (p. 59). Chamava atenção o caráter modelar da maioria das personagens que atuavam no sentido de construir uma narrativa didatizante na qual o maniqueísmo da equação bem x mal servia à pedagogia do exemplo aos leitores em formação. Por isso, temas como sexo ou morte não apareceram nas histórias estudadas. Ainda sobre a configuração das histórias, predominava o ponto de vista adulto que se dirigia aos leitores de modo artificial. Finalmente, quanto aos aspectos gráfico-editoriais, Rosemberg (1985) chamava atenção para a falta de qualidade dos livros, com projetos gráficos empobrecidos, impressão descuidada e uso de papel de baixa qualidade. O panorama apresentado pela autora evidenciava, naquele momento, o pouco prestígio da produção literária voltada para a infância e juventude quando ainda não se via nela o grande filão mercadológico em que ela se transformaria ao longo das décadas de 1980 e 1990, alavancada, no século 21, pelas compras governamentais.

Anos depois, outro estudo de caráter quali-quantitativo seria realizado por Regina Dalcastagnè, tendo, entretanto, como *corpus* investigativo o romance brasileiro contemporâneo.

---

Também com objetivo de estudar a personagem, a pesquisa de Dalcastagnè abarcou 285 romances publicados por casas editoras representativas dentro do campo literário brasileiro, produzidos no período entre 1994 a 2009. A pesquisa resultou no levantamento de 1.245 personagens – aquelas de importância maior na trama sem, contudo, reduzir-se aos protagonistas – cujos dados foram recolhidos por meio de fichas de leitura e submetidos ao *software Sphinx Léxica* para tabulação e cruzamento de dados.

Embora as duas pesquisas possuam um intervalo temporal de mais de 30 anos (a pesquisa de Rosemberg abrange títulos publicados a partir de 1975 e a de Dalcastagnè chega até 2009), os resultados encontrados apresentam muito mais semelhanças do que diferenças. Segundo Dalcastagnè (2007), a produção literária continua a ser atividade predominantemente masculina, pois a autoria feminina não chega a 30% contra 72,7% de autoria masculina. Além da homogeneidade em relação ao gênero, chama a atenção o fato de 93,3% dos autores serem brancos e com escolarização superior, além de estarem estabelecidos quase todos (90,3%) em grandes capitais polarizadas em quatro estados – Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Em relação às narrativas, Dalcastagnè (2007) mostra que o espaço das histórias é quase sempre a metrópole (82,6%) em detrimento dos espaços rurais (14,3%) e cidades médias (37,2%). Quanto ao sexo, houve predominância de personagens masculinas (62,1%) contra apenas 37,8% de personagens mulheres. Quando esses dados são analisados em relação à posição dos sexos na narrativa, fica evidente a maior importância dada aos personagens masculinos: 71,1% dos protagonistas são homens e apenas 28,9%, mulheres. Ainda no tocante ao gênero, a pesquisa evidenciou que homens e mulheres possuem diferentes formas de inserção no espaço: mulheres são retratadas, sobretudo, no espaço doméstico ao passo que homens possuem circulação mais variada. Com relação à orientação sexual, ou seja, “à direção do desejo da personagem” (2007, p.17), a heterossexualidade foi maciça, com 81 % das personagens e apenas 3,9% de orientação homossexual.

Em relação à cor da personagem no romance brasileiro contemporâneo, 79,8% das personagens são brancas, 7,9% negras, 6,1% mestiças, 1,2% indígenas, evidenciando uma presença muito pequena de comunidades não-brancas, muito embora, no Brasil, elas sejam maioria. Relacionando cor e estrato sócio-econômico, Dalcastagnè (2008) observou que os brancos representados nos romances possuem um perfil econômico notadamente privilegiado em relação a mestiços e negros: “Enquanto os brancos oscilam entre as classes médias e (um pouco menos) a

---

elite econômica, os mestiços se dividem entre classe média e (um pouco mais) pobres e os negros são maciçamente retratados entre os pobres.” (p.25)

Tais dados são aqui apresentados não apenas por inventariar pesquisas quali-quantitativas sobre a literatura brasileira, mas pelos achados que nelas problematizam uma questão maior: a da representação. Na pluralidade das representações de mundos e de seres, a literatura pode preencher nossa necessidade de ficção e levar, como aponta Candido (1992), a um conhecimento do mundo e do ser ao representá-los na forma de um romance, por exemplo. Entretanto, a palavra representação, no caso da literatura juvenil como na da literatura em geral, deve ser aqui problematizada.

*Representar*, segundo o Aurélio, significa “ser a imagem ou a reprodução de” (FERREIRA, 1995, p.564), significado semelhante ao do termo *imitação*, referido por Aristóteles ao comentar, em sua *Poética*, a natureza das composições literárias. Para esse pensador, o traço distintivo das composições literárias seria o modo pelo qual patrocinavam a imitação das coisas ou sua representação: *A epopéia, o poema trágico, bem como a comédia, o ditirambo e, em sua maior parte, a arte do flauteiro e a do citaredo, todas vêm a ser, de modo geral, imitações.* (ARISTÓTELES, 1981, p.19). Assim, a literatura imita a realidade, representando por figurações miméticas diferentes os diversos elementos de tal realidade – espaço, tempo, pessoas, situações, modos de pensar e de conceber a realidade etc.

A crítica literária esteve, durante bastante tempo, ocupada exatamente com os modos da imitação, ou seja, com as diferentes técnicas utilizadas pelos autores para criar suas obras. Um dos principais papéis da crítica literária foi estabelecer os critérios por meio dos quais algumas técnicas da mimese eram menos ou mais valorizadas, como o fez o próprio Aristóteles ao eleger o melhor tipo de reconhecimento em uma tragédia: *O melhor tipo de reconhecimento é o decorrente das ações mesmas, produzindo-se surpresa por meio de sucessos plausíveis, por exemplo, no Édipo.* (IDEM, p.17). Assim, o grande tema dos estudos literários foi a descrição dos procedimentos de criação literária, ou seja, os modos de representação ou de imitação que a literatura efetuava no sentido aqui discutido do termo representação. Em poucas situações houve uma preocupação com os seres, situações ou realidades representadas nos livros e romances. Em menor ou maior grau, uma preocupação dessa natureza esteve presente na crítica sociológica de orientação marxista que procurava aquilatar o caráter estético dos textos a partir do grau de fidelidade com a qual esses representavam a realidade, observando-se mais especificamente as contradições sociais, ao modo de Luckas (1994) ou Goldmman (1990).

No entanto, uma questão que se apresenta para a crítica literária e que, neste texto, se revela como problema de pesquisa não é apenas o estético, seja ele pensado em termos de distintos

---

parâmetros, mas também o quanto a literatura e, especialmente, a literatura juvenil brasileira tem conseguido representar as diferentes realidades e os diferentes grupos sociais que configuram a sociedade brasileira. Sobre tal questão, Dalcastagnè pondera:

De fato, representação é uma palavra que participa de diferentes contextos - literatura, artes visuais, artes cênicas, mas também política e direito – e sofre um processo permanente de contaminação de sentido. O que se coloca hoje não é simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. (DALCASTAGNÈ, 2008, p.4).

Essa preocupação parece ser bastante pertinente quando cotejamos as pesquisas Rosemberg (1985) e Dalcastagnè (2008) nas quais se desenham os mesmos cenários – um mundo urbano com mais proeminência de homens do que de mulheres, branco, de classe média e heterossexual, o que leva a inferir que o romance brasileiro, tanto aquele destinado ao público juvenil quanto adulto, apresenta um recorte enviesado da sociedade, pois muito atrelado à perspectiva de seus produtores. Esse, segundo as pesquisas apresentadas, é homem, branco, pertence à classe média e suas personagens, na maioria, refletem tal posição social. Assim, a literatura brasileira não apresenta diversidade no olhar com o qual produz a ficção: é, nos dizeres de Dalcastagnè (2008, p. 79), “a classe média olhando para a classe média”. Observando este quadro, portanto, a questão da representação torna-se, neste contexto, uma questão fundamental para se compreender qual é a sociedade legitimada a participar da obra literária.

De acordo com Chartier (1990, p. 10), a representação é “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. Tais representações são elaboradas de acordo com os dogmas e as ideologias vigentes nas sociedades que as produzem, portanto, não estão isentas de intencionalidade. Assim, a coisa ou o ser representado é o que aparenta ser àquele que o representa.

O conceito de *representação* remonta a Aristóteles e sofreu diversas interpretações durante os séculos de estudos de sua obra. Segundo Compagnon (2006), para Aristóteles, a *representação* visa não ao estudo das relações entre literatura e realidade, mas à ação, à produção da ficção poética verossímil. Portanto, a *mimesis* aristotélica, para o autor, “seria a representação de ações humanas pela linguagem [...] e o que lhe interessa é o arranjo narrativo dos fatos em história” (COMPAGNON, 2006, p. 104). Modernamente, os estudos da *mimesis* não a aceitam mais como uma simples cópia da realidade. Ela constitui uma forma especial de conhecimento do mundo

---

humano que inclui o tempo do reconhecimento (COMPAGNON, 2006). A *mimesis* ou *representação* passa a ser relida pela teoria literária valorizando-se, então, o sentido e a interpretação desta realidade dada por aquele que produz a obra literária bem como por aquele que a lê.

Representar em literatura é, então, criar um mundo segundo a ótica do criador e, portanto, também “falar em nome do outro”, como salienta Dalcastagnè. Ao se manifestar pelo outro, o discurso de um interlocutor acaba por legitimar a presença daquele com maior competência, o que causa, na maioria das vezes, o silêncio de quem é representado. Apenas o discurso com reconhecimento social acaba por ter valor. De acordo com Dalcastagnè (2008), na imposição de um discurso, normalmente, a legitimação acontece em razão da justificativa do maior esclarecimento, da maior eficácia social deste sobre o outro, sobre aquele que é silenciado. Com relação à representação, ainda segundo a pesquisadora, uma única forma de olhar a sociedade pode não representar de modo condizente os diferentes grupos que a formam, uma vez que:

mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que os outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 81).

Surge, assim, a questão da legitimidade: quando um texto literário ou qualquer outra manifestação simbólica representa um grupo ou indivíduo, por formas reconhecidas socialmente, as identidades desses grupos e indivíduos passam a ser legitimadas: ou seja, a representação não só patrocina a mimese, mas também ajuda a constituir a própria realidade, afinal a linguagem constrói o mundo. Por esta razão, é importante que se possa discutir a ausência ou presença de determinados grupos sociais dentro das expressões artísticas, particularmente de textos literários que podem circular na escola.

Numa sociedade multifacetada por traços raciais, por diferentes condições econômicas, por crenças religiosas e outros, cabe problematizar, considerando o valor da literatura juvenil brasileira enquanto bem cultural significativo na formação de leitores, ou ao menos efetuar um levantamento sobre como narrativas da literatura juvenil brasileira contemporânea, lida e difundida na e pela escola, tem efetuado a representação de grupos sociais que compõem nossa cultura e nossa população e sobre quais as implicações dessa representação no caso da formação de leitores que

recebem tal literatura como um conjunto de textos de valor, mas com o qual muitas vezes pode não se identificar ou se identificar muito pouco.

### **DELINEANDO O CORPUS DA PESQUISA: LITERATURA JUVENIL E O PNBE**

Em 1997, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) criou o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), como uma das ações da política de fomento da leitura elaboradas pelo Ministério da Educação. O Programa objetivava e objetiva, ainda, o apoio ao cidadão no exercício da reflexão, da criatividade e da crítica através da leitura propiciada por meio de acervos distribuídos junto a escolas e estudantes. Tendo em vista a baixa posse de livros em lares brasileiros e as poucas bibliotecas escolares e públicas, tal como demonstram pesquisas como a *Retratos da Leitura* (INSTITUTO PRO-LIVRO, 2011, 2013), o programa objetiva o acesso da comunidade escolar e não escolar à informação e à cultura seja por meio de acervos de obras de referência, de obras para a formação de professores, de periódicos e de obras de literatura em geral.

Anualmente, por meio de portaria ministerial, um colegiado formado por representantes do Conselho Nacional de Secretários da Educação, da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), do Programa Nacional de Incentivo à leitura (PROLER), de intelectuais e de especialistas das áreas de leitura, literatura e educação de Universidades públicas e do Ministério da Educação atuam como avaliadores das obras inscritas no programa. Após esta avaliação, que abarca vários quesitos, desde a qualidade gráfico-editorial, material, estética e temática das obras, são divulgados as listas com as obras selecionadas para o programa e que serão enviadas às escolas.

Por sua consistência e duração, o PNBE se configura como uma das mais bem organizadas políticas de incentivo à leitura, ao menos em termos operacionais, haja vista que não há estatísticas no site do FNDE sobre a real apropriação dos textos pelos alunos e poucos estudos sobre sua recepção nas escolas, seja por parte de professores, seja por parte de alunos. Chamam atenção os números e as cifras do programa que procura atender escolas do vasto território brasileiro em vários níveis de ensino, como se nota por meio da tabela a seguir:

**TABELA 1** – Dados estatísticos sobre o PNBE (2010-2013). Fonte: BRASIL, FNDE, s/d.

Ano/Programa	Nível de ensino contemplado	Qde. de escolas beneficiadas	Qde. de livros distribuídos	Investimentos em Reais
2010	Educação Infantil	86.379	3.390.050	12.161.043,13
	Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	122.742	5.798.801	29.563.069,56
	Educação de Jovens e Adultos - EJA	86.379	1.471.850	7.042.583,76
	Ensino Fundamental (6º ao 9º)	50.502	3.861.782	44.906.480,00

<b>2011</b>	ano)			
	Ensino Médio	18.501	1.723.632	25.905.608,00
	Periódicos	143.773	11.530.430	31.150.900,00
<b>2012</b>	Educação Infantil	86.088	3.485.200	24.625.902,91
	Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	115.344	5.574.400	45.955.469,85
	Educação de Jovens e Adultos - EJA	38.769	1.425.753	11.216.533,38
	Periódicos	157.445	15.149.880	53.295.402,47
<b>2013</b>	Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	50.556	5.207.647	56.677.338,63
	Ensino Médio	19.144	2.218.884	29.704.045,58
	Periódicos	153.840	14.885.649	57.072.470,20

Os dados dos últimos quatro anos do Programa mostram que os anos finais da educação básica foram contemplados com acervos literários, respectivamente, em 2011 e 2013. Especificamente em 2013 foram adquiridos mais de cinco milhões de livros distribuídos em 50.556 escolas de Ensino Fundamental. Embora seja um programa dispendioso, já que envolve cifras que ultrapassam bilhões de reais, o PNBE se consolidou, ao longo dos anos de sua execução, como política de estado por uma razão significativa, dentre outras: por sua abrangência junto ao público visado – alunos de todas as escolas brasileiras do ensino básico.

Ao considerar a noção de campo literário, tal como a formula Bourdieu (2013), enquanto espaço simbólico no qual atuam a crítica acadêmica, autores, público e demais instâncias mediadoras (editores, editoras, agentes literários etc), compondo um campo de força que visa o reconhecimento e prestígio no qual se possa assegurar não apenas suas predileções artísticas e conjunto de valores, mas também o próprio direito de manifestá-las enquanto autoridade competente para tanto, não seria impertinente considerar o PNBE como uma instância de legitimação significativa no contexto de um subcampo da literatura juvenil brasileira.

Por essa razão, ao se pensar no problema da valoração na literatura juvenil contemporânea, os acervos de literatura do PNBE passam a ter um caráter bastante representativo, já que sua seleção é duplamente avalizada: tem a fiança da academia, pois os avaliadores das obras são professores universitários especialistas na área e, ao mesmo tempo, recebe chancela governamental, enquanto patrimônio cultural digno de figurar como “clássico”, ou seja, bem cultural que pode circular na classe, ou seja, na sala de aula. Considerando, pois, a importância dos acervos do PNBE no campo literário no qual se circunscreve a literatura infantil e juvenil, objetivou-se realizar, em moldes similares ao das pesquisas de Rosemberg (1985) e de Dalcastagnè (2008), um estudo sobre as personagens da literatura juvenil contemporânea, a fim de verificar-se, de modo diacrônico, como nela são representadas as personagens. Para tanto, selecionou-se para o *corpus* o acervo PNBE 2013



---

destinado aos anos finais do ensino fundamental, por ser o acervo mais recente de obras literárias e por abarcar textos voltados para o público juvenil. Tal acervo contava com 180 textos dos quais foram estudados apenas as narrativas longas, ou seja, aquelas com configuração de romance, uma vez que o acervo era composto de vários outros gêneros (poesia, quadrinhos, biografias, memórias, contos, novelas).

Feita a seleção do *corpus*, foram totalizados 56 textos contemporâneos, pois produzidos todos a partir de 1980<sup>1</sup>, e estudados a partir de metodologia quali-quantitativa<sup>2</sup>, a partir da qual foram elaboradas fichas para as personagens proeminentes, resultando num total de 235 personagens. Essas informações foram submetidas a um software que tabulou e efetuou os cruzamentos dos dados que serão apresentados e interpretados a seguir.

### **NARRATIVA JUVENIL CONTEMPORÂNEA NO ACERVO PNBE 2013 E OS CONTORNOS DA CIDADE**

Dentre as 56 narrativas estudadas, um dado que, inicialmente, chamou atenção foi o aumento significativo da autoria feminina: diferentemente do panorama observado por Rosemberg, em 1985, 42,8% dos textos do *corpus* foram produzidos por mulheres e 57,2% por homens. Embora ainda se note uma atuação mais efetiva de homens, houve um crescimento significativo da autoria feminina em quase 50% se compararmos tais dados com os da década de 1980 e mesmo com as pesquisas de Dalcastagnè (2008) sobre o romance brasileiro contemporâneo, no qual a autoria feminina representa apenas a 27,2%. Assim, no corpus, observa-se uma visibilidade maior da produção literária de mulheres.

---

<sup>1</sup> Em tese de doutorado intitulada *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978-1997)*, Ceccantini realizou estudo de obras de autores nacionais sob a rubrica de literatura juvenil, e observou que, opondo-se ao caráter pedagogizante que caracterizara esta literatura até a década de 1970, as narrativas por ele nomeadas como “contemporâneas” (aquelas produzidas a partir de 1978) haviam abandonado seu didatismo e afirmavam sua autonomia enquanto um subgênero. O autor considera tais obras contemporâneas seja por seu recorte temporal seja por suas marcas estéticas. Assim, adotamos tal distinção não só em função do aspecto literário, mas também por ela coincidir com um momento histórico significativo na história brasileira: a derrubada do regime militar. Cf: CECCANTINI, João Luís C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978 – 1997)*. 2000. 462 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

<sup>2</sup> Ressaltamos que esta metodologia foi elaborada por Regina Dalcastagnè e aplicada, inicialmente, a romances da literatura brasileira contemporânea. Em seus trabalhos, a pesquisadora elabora questionários aplicados às personagens proeminentes, cujos dados são submetidos ao software *Sphinx Léxica 5.0* que possibilita sua tabulação e cruzamento. Em função da importância das pesquisas de Dalcastagnè no contexto dos estudos da literatura brasileira contemporânea bem como por sua contribuição metodológica para estudos que visam levantamentos, valemo-nos, neste projeto, dos mesmos instrumentos de pesquisa por ela elaborados. Cf: DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Cronópios*, 03/05/2007, pp.1-38, 2007. Disponível em: <[http://cronopios.com.br/anexos/regina\\_dalcastagne.swf](http://cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf)>. Acesso em 02/03/2012.

---

Com relação ao tempo das histórias narradas, 60,7% delas foram ambientadas no contexto contemporâneo, ou seja, a partir da década de 1980 até os dias atuais. Dez delas situaram-se em outros períodos históricos (notadamente no passado, como *Atrás do Paraíso*, de Ivan Jaff ou *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda); 8, em períodos indefinidos e 4 abarcaram o período da ditadura militar (*O gênio do crime*, de João Carlos Marinho; *O Golem do Bom Retiro*, de Mário Teixeira; *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus e *Anita Garibaldi, a estrela da tempestade*, de Heloísa Prieto). É interessante observar que a literatura juvenil brasileira do *corpus* opte pelo presente como tempo a ser representado, o que sinaliza uma preferência pela representação do universo circundante do leitor, o que pode facilitar não apenas o trato com a linguagem, mas também a introdução de temas e problemas da vida contemporânea como, por exemplo, os conflitos emocionais de adolescentes frente aos dramas familiares e sociais, como são exemplos os textos *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro, *Um na estrada*, de Caio Ritter, *Jogo da Memória*, de Laura Bergalo ou *A mocinha do mercado central*, de Stella Maris Rezende. Embora a tematização de tempos longínquos e indefinidos seja característica da literatura infanto-juvenil, associada ao uso da fantasia, notou-se no *corpus* estudado, a prevalência maior de textos que preferem uma abordagem mais realista em detrimento do uso da fantasia. Assim, os textos distanciaram-se, por exemplo, do que observou Colomer<sup>3</sup> (2003) sobre a literatura infanto-juvenil contemporânea espanhola, caracteristicamente marcada pelo uso da fantasia (seja por meio do uso de animais humanizados ou de outros expedientes) em detrimento da ficção realista que, no *corpus* da autora, representou apenas 18,4%.

As histórias contadas no *corpus* estudado acontecem, em sua grande maioria, nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, com 31 ocorrências, abarcando 55,3% das histórias. Nordeste (6 ocorrências), Centro-oeste (2) e Norte (0) são cenários bem menos explorados, sendo suplantados até mesmo pela ambientação em regiões estrangeiras (14 ocorrências). Esta homogeneidade no trato da representação geográfica dos espaços das histórias pode, em parte, ser explicada pela inserção geográfica dos escritores brasileiros que, em sua grande maioria, como demonstraram os estudos de Dalcastagnè (2008), concentram-se no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, fazendo com que suas histórias tendam a retratar essas regiões. Sendo uma questão sintomática, esta representação do espaço geográfico aponta para uma homogeneidade nada

---

<sup>3</sup> Teresa Colomer realizou pesquisa sobre a literatura infanto-juvenil espanhola observando suas características constitutivas (num recorte estruturalista) e suas temáticas. Para tanto, selecionou um conjunto de mais de mil títulos entre 3 seleções institucionais, a partir das quais procedeu “à escolha das obras que eram mais citadas nas listas de seleções ou que tinham obtido mais prêmios”, resultando num total de 118 títulos. Cf. COLOMER, T. *A formação do leitor literário: literatura infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo : Global, 2003.

---

desejável na caracterização do espaço na literatura juvenil, sobretudo no Brasil, onde as distinções culturais, linguísticas, sociais e geográficas são ricas e plurais.

Ainda reflexo da inserção dos seus autores, as narrativas do *corpus* evidenciaram a proeminência dos espaços de grande porte – com destaque para cidade grande – e de médio porte. Contrariando certa tradição da literatura infanto-juvenil brasileira que centrava, até aproximadamente as décadas de 1950, suas histórias no campo ou em espaços fantásticos e maravilhosos, como assinalaram Zilberman e Lajolo (1985), a literatura juvenil contemporânea, seguindo o ritmo do desenvolvimento pós-industrial, adotou a cidade grande como *locus* privilegiado. Sendo um aspecto importante para a construção das histórias, é preciso demarcar que a espacialidade não se restringe apenas à caracterização geográfica ou arquitetônica do espaço. Ela é, também, um vetor da cultura que nela se instala e nela se refrata. Por essa razão, a espacialidade ganha um caráter social e também político mais amplo e que, no caso do *corpus* estudado, parece fazer muito sentido, pois é um dos elementos que pode conter a chave de explicação do mundo representado nas narrativas estudadas, uma vez que nelas se observa a hegemonia cultural da cidade, nos moldes destacados por Fortuna e Silva:

As cidades, desde então [desenvolvimento da industrialização], não apenas assistiram ao adensamento da residência, dos locais de oferta de trabalho e de consumo como, concomitantemente, sofreram profundas alterações nas condições e modos de vida social, política e institucional que albergam. Estas alterações autorizam que caracterizemos o século XX como o tempo de consumação de um processo longo de urbanização da cultura, que traduz e consagra a plena hegemonia da cultura gerada nas cidades face a outras expressões culturais não-urbanas. (FORTUNA; SILVA, 2011, p.431-2)

Dentre as narrativas estudadas, 57% foram ambientadas em espaço urbano de grande porte, 25% em espaço urbano de médio porte, restando 25% para espaços campestres e pouco mais de 14% para narrativas em espaços fantásticos/maravilhosos e de pequeno porte. Nota-se, pois, de modo efetivo, uma representação, nas narrativas estudadas, da hegemonia cultural dos grandes centros urbanos, fruto do desenvolvimento pós-industrial de molde liberal, fato já observado na literatura brasileira adulta, como alude Pechman ao afirmar que “se constituiu entre nós essa literatura que fez da cidade, e mais do que isso, da experiência urbana e, até mais ainda, da convivialidade na cidade, o palco, o sujeito e o objeto de sua criação.” (Pechman, 2014, p.90).

Como já se disse, a espacialidade possui um traço cultural, sendo demarcada por questões políticas e sociais. Refletindo sobre aos traços sociais presentes no *corpus*, observou-se que a hegemonia cultural da cidade pode ser dado explicativo quando se analisa o estrato socioeconômico

das personagens. Conforme mostra a tabela a seguir, grande parte do universo humano pertence à classe média, com quase 50% das ocorrências, sendo minoritária a presença de pobres e da elite:

<b>Estrato socioeconômico</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
classe média	116	49,4%
elite	45	19,2%
pobre	38	16,2%
sem indícios	27	11,5%
miserável	4	1,7%
mobilidade econômica ascendente	4	1,7%
Não resposta	1	0,4%
mobilidade econômica descendente	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>235</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa Literatura juvenil contermporânea no acervo PNBE 2013: um estudo das representações sociais

A presença maciça da classe média, longe de ser uma mera predileção dos autores ou mesmo um aspecto da autorrepresentação de seus autores, aparece nos textos como uma das consequências do processo de urbanização e do desenvolvimento econômico que fez diminuir o contingente das classes minoritárias (ricos e pobres) e ampliar os espaços da classe média, dando mais amplitude à sua cultura e a seu *modus vivendi*:

A moderna cultura urbana atenua as barreiras entre a “cultura do povo” e a “cultura de elite” que mantinham separadas e incomunicáveis as principais classes sociais do *ancien régime*. Em alternativa a esta polarização, gradualmente, assistiu-se à instauração de uma vida urbana, cultural e institucional mais agregadora e abrangente socialmente, de que ressalta o crescimento das classes médias que, neste contexto, ilustram uma espécie de convergência ao centro das classes sociais polares e das respectivas expressões e produtos culturais típicos. (Idem, p.432)

Assim, o mundo representado nas narrativas é, sobretudo, o das classes intermediárias ou o da classe média brasileira (76,6% das personagens é brasileira contra apenas 11,9% de estrangeiros) cujo desenho familiar é fartamente apresentado. Afastando-se do sentido inicial de mero lugar da ação social ou da interação harmônica entre seus partícipes, o conceito da cidade, na contemporaneidade, deixa entrever fraturas, sobretudo aquelas ligadas ao modo como os sujeitos nela se movem: a cidade é espaço do trânsito dos indivíduos que, influenciados pela lógica do capital, buscam satisfação pessoal imediata de suas necessidades, valorizam o individualismo e a privacidade/domesticidade (Fortuna, 2011). É por esta razão que grande parte das histórias narradas no *corpus* detém-se na construção de dramas pessoais, vivenciados a partir do núcleo familiar, numa espécie de fechamento do mundo privado, fazendo crer como verdadeira para essas narrativas, a afirmação de Pechman de que “os atuais personagens da ficção urbana parecem completamente descompromissados com a cidade, e todo o caudal de urbanidade e socialibilidade que ela induz.” (2014, p.91). Neste sentido, é sintomático que o espaço restrito mais frequentado

---

pelos personagens seja o doméstico (79,2%), com 50% a mais de ocorrências do que o segundo espaço mais frequentado – ruas e praças (37%), seguidos de mata/campo/floresta (26%), o que leva a inferir que há uma retração do espaço público e consequente ampliação do privado nas narrativas.

Dentre os temas trabalhados nas 56 narrativas, observou-se a recorrência de alguns que foram englobados nas seguintes categorias: *temas sociais* (7 ocorrências), tais como preconceito racial, a vida de classes pobres e miseráveis, disputa pela terra, processos de urbanização; *temas familiares* (10 ocorrências) como relacionamento pai e filho, relacionamento familiar, relação avô e neto, vivência conflituosa na família, novas configurações familiares; *temas do universo adolescente* (com 15 ocorrências), nos quais são abordados os relacionamentos amorosos, o amadurecimento emocional do jovem, conflitos familiares na adolescência. Além desses três temas, foram encontrados outros temas isolados: temas policiais ou detetivescos (5), leitura como processo criativo, história do Brasil, história das grandes navegações, de quilombos, biografia romanceada.

Se a cidade grande é o espaço privilegiado nas narrativas estudadas, sua arquitetura, suas ruas e praças, ou seja, a corporeidade material da cidade, entretanto, cede lugar para sua espacialidade social: ela é local onde transitam grupos sociais específicos, dentre os quais se destacam, no *corpus* estudado, o universo adolescente da classe média cujo mundo circundante mais próximo é a família e, eventualmente, a escola. Entre as histórias que envolvem, de modo mais enfático, o núcleo familiar estão *Jogo da Memória*, de Laura Bergallo, no qual uma família de ascendência italiana, particularmente, o garoto Lucca, precisa enfrentar a doença do avô Pietro que sofre de Alzheimer. Em meio à trama, sobressaem cenas como almoços em família e retomadas históricas da imigração da família de classe média que, diante de limitações econômicas, precisa fazer uma cotização para enviar o pai em viagem à Itália. Ainda no ambiente familiar de classe média, situa-se a história de Pedro – do livro *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro –, um garoto de 14 anos que perde o pai e a mãe, uma professora de literatura. Tutelado pelo tio, o garoto é proibido de visitar o túmulo da mãe, o que o faz buscar pelas respostas do comportamento do tio e entrar num processo de amadurecimento emocional. Igualmente em *Um sonho no caroço de abacate*, de Moacyr Scliar as famílias de Mardoqueu, um garoto judeu, e de Carlos, um jovem negro, passam a se relacionar, evidenciando questões sobre o preconceito e bullying na escola. Em *O mundo de Camila*, de Márcia do Canto, a família constitui o núcleo dramático central no qual os novos arranjos familiares são apresentados pela narradora, a garota Camila, que convive com tios homossexuais, com pais divorciados e meio irmãos. Igualmente, retratando aspectos da família de classe média de modo menos ou mais enfático, podem ser elencadas as narrativas *Tá falando grego*,

---

de Ricardo Hofstetter, *Antes que o mundo acabe*, de Marcelo Carneiro da Cunha, *Isso ninguém me tira*, de Ana Maria Machado, *O outro passo da dança* e *Um na estrada*, ambos de Caio Riter, *Pó de Parede*, de Carol Bensimon, *O enigma de Iracema*, de Rosana Reis. Ainda a atestar a centralidade da família nas tramas, pode-se destacar o fato de que os papéis afetivos desempenhados pelas personagens são os de filho (71 ocorrências dentre 235), irmão/ã (22), mãe (20), pai (18), parentes (18) aos quais se podem contrapor personagens que não desempenham relações familiares como amigos (83) e nenhuma relação familiar (34). Enfim, o que se nota é que, numa somatória, as relações familiares aparecem em maior frequência (com 149 ocorrências) do que as relações não familiares (117).

Em meio à configuração social da cidade que, no caso do *corpus*, é marcadamente familiar e de classe média, sobrepõem-se os dramas adolescentes. Fazendo coro com a tradição da literatura juvenil na qual se destacam as narrativas em forma de *bildungsroman* ou romances de formação, o universo adolescente é amplamente tematizado no *corpus* de modo a ressaltar formas de aprendizado da vida e de amadurecimento, favorecendo valores morais que se baseiam na compreensão das relações humanas, na tolerância e na crença na resolução reflexiva dos conflitos pessoais. Esta centralidade da vida adolescente é atestada pelo número de personagens adolescentes/jovens presentes no *corpus* (32,7% ou 77 ocorrências), superior a de outras faixas etárias mais presentes - adultos (30,2%) e crianças (14,9%).

Muitas vezes, o drama adolescente está situado justamente em relação à família, seja pelas difíceis relações com adultos problemáticos (alcoolismo, negligência, intransigência) ou pela falta dessas mesmas relações, no caso de ausência ou abandono dos pais. São exemplos *Fala comigo, pai*, de Júlio Emílio Braz; *O outro passo da dança*, de Caio Riter, *A primeira vez que vi meu pai*, de Márcia Leite, *Pão feito em casa*, de Rosana Rios, *Um na estrada*, de Caio Riter, *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro. Em outros casos ou associados aos problemas familiares, os adolescentes precisam suplantar conflitos internos gerados por situações da própria vida e que os levarão a formas de maturação, como é o caso de Tuna, em *Fala comigo, Pai*, de Gabi, em *Isso ninguém me tira*, de Maria, em *A mocinha do mercado central*, de Pedro, de *A distância das coisas*. Nesses textos, prevalece a ideia de que as pessoas podem avaliar seus problemas, verbalizá-los e buscar formas conciliatórias entre seus valores internos e mundo circundante, perfazendo um caminho na direção da tolerância, da busca da felicidade, da autonomia e da aceitação de si mesmo. A análise dos desfechos das narrativas corrobora estas afirmações, já que 42,1% das personagens concluem suas trajetórias numa situação de equilíbrio positivo, sendo que, analisadas essas situações positivas, 24,7% referiam-se a resoluções de problemas/conflitos, 15,3% a conhecimento

---

de si mesmo e 13,6% a conhecimento de mundo. Ora, se o mundo retratado é o da cidade, focalizando a família de classe média e, nesta, a vida adolescente, o que se pode dizer sobre a cor e os gêneros representados no *corpus*? Certamente, que se trata de um mundo muito mais masculino do que feminino: das 235 personagens, 197 são homens e apenas 92, mulheres. Muito embora se tenha observado no *corpus* um aumento na autoria feminina, a questão dos gêneros ainda aponta para desigualdades: mulheres carecem, ainda, de uma representação mais significativa, já que a presença de homens é mais do que 50% superior ao de mulheres. Quando observados os papéis desempenhados na trama, o protagonismo masculino aparece em 60% dos casos dentre as 75 personagens que desempenharam papéis preponderantes, ao passo que o feminino abarca apenas 38%.

A atuação feminina também aparece fragilizada quando se analisam as questões da inserção no mundo do trabalho. Dentre as 63 personagens que possuem trabalho formal, apenas 22 (34,9%) delas são mulheres enquanto 40 (63,5%) são homens. Esta representação enviesada das relações de gênero no mundo do trabalho pode ser observada nas profissões mencionadas para homens e mulheres: foram arroladas 54 diferentes profissões para homens e apenas 18 para mulheres, sendo que, para homens, as profissões com maiores ocorrências foram estudante, surfista, detetive, professor, advogado, comerciante, empresário e agricultor, ocupações de maior relevância social e econômica ao passo que, para mulheres, foram observadas as profissões estudante, professora, dona de casa, aposentada, dona de pensão e escritora, fatos que evidenciam um imaginário sobre mulher e trabalho que muito se distancia da realidade social brasileira, na qual as mulheres não só possuem maior escolaridade como também representam um grande contingente de trabalhadoras em todos os campos.

Ainda relacionado à discussão dos gêneros, é importante que se destaque que a pesquisa sobre a orientação sexual das personagens apontou para a representação maciça de uma afetividade heterossexual, com ocorrência de apenas um caso de homoafetividade em personagem secundário, atestando que, mesmo em tempos de emergência de minorias, a literatura juvenil brasileira ainda vê os temas ligados à sexualidade como não apropriados aos leitores mirins, além de se alinhar a uma perspectiva ainda convencional e pouco problematizadora da questão, o que também se comprova pelo fato de práticas sexuais não serem mencionadas ou serem inexistentes na vida das personagens de todas as faixas etárias estudadas.

A homogeneidade da paisagem da grande cidade que se descortina no *corpus*, entretanto, não se refere apenas à preponderância do universo masculino em face às difíceis relações de gênero, mas também à adoção de suas cores: 80% das personagens são brancas (188 ocorrências), 22% são

---

pardos e amarelos (5), e apenas 7,2% são negras (17 ocorrências), índios são absolutamente ausentes, embora tenham sido os autóctones brasileiros, evidenciando uma grande lacuna racial. As personagens para as quais não se puderam inferir dados sobre a cor totalizam 9,8%. Ao observar as questões de pertença social, sexual, etária e étnica, os dados até aqui apresentados parecem contrapor-se à ideia de cidade moderna enquanto *locus* de heterogeneidade e de disputas sociais e culturais, na perspectiva apontada por Fortuna e Silva:

A cidade de hoje é marcada por uma cultura de fracturas e distâncias que a distingue de uma outra qualquer comunidade regida por princípios de partilha, comunhão de interesses e equidade social. Não se tratando de uma cultura de consagração da harmonia ou do consenso social, estipula condições desiguais de acesso a direitos e revela uma cidadania disputada, objecto de conflitos sociais e políticos dispersos. Como qualquer entidade cuja unidade resulta da fragmentação dos seus elementos, a cidade a cultura urbana são realidade incoerentes, recheadas de subcidades e subculturas. (FORTUNA ; SILVA, 2011, p.432).

Ao eleger o mundo da classe média, os conflitos adolescentes, predominantemente, de homens brancos, heterossexuais e inseridos na grande metrópole, as narrativas tendem a uma representação homogênea da cidade contemporânea só ameaçada quando se observam as poucas exceções que refletem algumas das “fracturas” aludidas anteriormente. São essas exceções que tingirão de cores mais fortes as histórias e permitirão que se matize a perspectiva social vivida das personagens, trazendo à tona, ainda que de modo pouco recorrente, a cidadania disputada de que fala Fortuna. É o que se nota nos livros *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior, narrativa romanceada de um jovem negro que desenvolve um programa de estímulo à leitura na favela do Alemão, no Rio de Janeiro; em *O homão e o menino*, de Luís Pimentel, no qual as relações entre filhos e pais ou adultos e crianças extremamente pobres são descritas numa novela bem humorada cujo elemento de continuidade típico do gênero são exatamente os espaço de periferia e as personagens miseráveis; no excelente *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e sua consagrada história de mulher negra, favelada que se torna escritora; em *Um sonho no caroço do abacate*, de Moacyr Scliar, onde um jovem judeu de classe média se enamora por uma moça negra de elite; em *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda, que narra a história da velha negra Ismê Captureba que acolhia crianças negras órfãs na Salvador do século 19 ou no simbólico *Tem um morcego no meu pombal*, de Moisés Liporage, que fala do preconceito racial das famílias do morcego negro, Samuca, que se apaixona pela pombinha branca (Didi). Ou então, nas relações preconceituosas discutidas em *O golem do Bom Retiro*, de Mário Teixeira e a violência de *O outro passo da dança*, de Caio Riter. Nessas narrativas, pode-se ouvir, ainda que timidamente, as fraturas



---

da hegemonia da classe média e os sussurros de algumas “subcidades” e suas “subcidadanias”, habitadas, sobretudo, por negros, mulatos e pobres. Nesses textos, que não ultrapassam 15% do *corpus*, o espaço urbano que se delineia é outro: favelas, ruas nas quais trabalham crianças vendedoras de miudezas, feiras livres, tal como em alguns episódios da novela *O homão e o menininho*:

De segunda a sábado o carrinho era o ganha-pão de Bidu, com ele fazendo carretos nas feiras-livres, transportando frutas, legumes, folhas e até peixes para os moradores das imediações. (Pimentel, 2010, p.7).

A menina estendeu a mão para o ônibus em Brás de Pina e entrou pela porta traseira (...). Desceu na estação que fica ao lado do cinema e reabriu a caixa de goiabada no sinal. Vendia a cinte centavos cada; três por cinquenta. (Idem, p.25)

Ou então, em barracos de favela, desprovidos de cidadania, de justiça, de cultura, de dignidade, de dinheiro, mas cercados de violência e insegurança como em *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior ou *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus:

Amanheceu chovendo. Tenho só treis (sic) cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados(...). Todas crianças de favela sabem como é corpo de um mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar, sai nua para a rua. (JESUS, 2013, p.45).

Acho que poucos ouviram o primeiro tiro, mas o estampido me deixou preocupado. Os tiros foram se sucedendo e as crianças começaram a ficar apavoradas. Olhavam, assustadas, para os lados e pela janela” (Júnior, 2011, p.10).

Naquele mesmo dia, no começo da noite, uma chuva muito forte acabou com a luz no morro e em nossa casa. Minha mãe acendeu duas velas, suficiente para iluminar o único cômodo que servia de sala, quarto e cozinha. (Idem, p.22)

Não fossem esses poucos livros dissonantes em relação à homogeneidade presente no *corpus*, a cidade grande desenhada nas linhas das narrativas aqui estudadas seria bem pouco plural em relação à representação da sociedade brasileira. Segundo Fortuna e Silva (2014, p.423), “a cidade é sinônimo de heterogeneidade social e cultural, de relativização de perspectivas e de diversidade de estilos e de comportamentos sociais”. Sendo arena de conflitos, a preservação dessas diferenças e das identidades variadas que podem emergir na cidade acabam sendo influenciadas pela negociação e pelo contanto com o diverso, o que pressupõe arranjos políticos, culturais e disputas pela cidadania. Entra-se, assim, no terreno do ideológico no qual a linguagem, sobretudo

---

aquela do mundo letrado - a língua escrita - constitui elemento de legitimação. J. Culler (1999), ao discutir o aspecto performativo da linguagem a partir das teorias da de J. L. Austin, afirma que a linguagem não é apenas referencial (representa ou nomeia coisas), mas também performativa, no sentido de criar a própria realidade, de fazer uma realidade existir: Ela é performativa no sentido de que não apenas transmite informação mas realiza atos através de sua repetição de práticas discursivas ou de maneiras de fazer as coisas estabelecidas.” (Culler, 1999, p.99). Por essa razão, para o autor, a literatura “não é uma pseudodeclaração frívola mas assume seu lugar entre os atos de linguagem que transformam o mundo, criando as coisas que nomeiam. (Idem, p.97).

Ora, se a linguagem e, por extensão, a literatura (e sobretudo os textos literários valorizados socialmente como aqueles que aqui se discute) pode contribuir para a construção de diferente(s) realidade(s)/identidades, nada mais desejável que ela reflita a pluralidade das perspectivas sociais, fazendo com que possam vir ao centro da cultura e da sociedade todos aqueles que ainda estão nas margens, questionando, inclusive, as formas estereotipadas com que alguns grupos tem sido representados historicamente, seja na literatura, seja no mundo das práticas sociais efetivas. É evidente, não se espera que a literatura enquanto criação do imaginário por meio do estético seja mera cópia da realidade e dos seres. Se assim o fosse, teriam valor para o leitor apenas textos que falassem de sua vivência imediata. Tendo como uma de suas finalidades a expansão do universo cognitivo, emocional e social do jovem, a literatura juvenil brasileira contemporânea contribuiria com mais densidade para emancipação do leitor na medida em que pudesse incorporar realidades múltiplas, confrontando a diversidade étnica, econômica, racial, sexual e social que cerca o adolescente e que constitui o mundo urbano no qual as sociedades contemporâneas, inescapavelmente, estão inseridas. Contribuiria, assim, para sua passagem ao universo adulto de forma que pudesse observar e, quem sabe, até questionar as amarras ideológicas com as quais o mundo por ele aspirado - o dos adultos – tem sido construído.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- CANDIDO, A. A personagem do romance. In: ROSENFELD, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHARTIER, R. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COLOMER, T. *A formação do leitor literário: literatura infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo : Global, 2003.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CULLER, J. Linguagem performativa. In: \_\_\_\_\_. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções culturais Ltda, 1999, p.95-106.

---

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Cronópios*, 03/05/2007, pp.1-38, 2007. Disponível em: < [http://cronopios.com.br/anexos/regina\\_dalcastagne.swf](http://cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf)>. Acesso em 02/03/2012.

DALCASTAGNÈ, R. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008, p. 78 - 107.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração de Vinícius Rossignol Felipe. São Paulo: Abril educação, 2013.

FORTUNA, C. ; SILVA, A. S. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SOUZA SANTOS, B. (org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo : Cortez, 2011, pp. 419-468.

GOLDMANN, L. *Sociologia do romance*. Tradução de Álvaro Cabral. Paz e Terra. São Paulo, 1990.

JÚNIOR, OTÁVIO. *O livreiro do Alemão*. São Paulo : Panda Books, 2011.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Almedina, 1994.

PECHMAN, R. Desconstruindo a cidade: cenários para a nova literatura urbana. In: KUSTER, E. PECHMAN, R. *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2014, pp.89-101.

PIMENTEL, L. *O homão e o menininho*. Ilustrações Maurício Veneza. Belo Horizonte : Editora Lê Ltda, 2010.

ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global editora, 1985.

## RESUMO

Ao eger as narrativas que compuseram o acervo PNBE 2013 para os anos finais do ensino fundamental como *corpus* de pesquisa, buscou-se selecionar um conjunto de textos que fosse representativo dentro do campo literário, seja em função da importância estatal do programa como pelo modo de seleção institucional dos textos. A análise procurou, por meio de metodologia quali-quantitativa, desenvolvida por Dalcastagnè (2007), realizar um levantamento da representação de grupos sociais presentes nas histórias. Nelas, observou-se a prevalência do espaço urbano como característica constitutiva, tornando a cidade um elemento preponderante para interpretação dos dados, uma vez que a espacialidade se reveste de um caráter social e político na medida em que é parte da cultura.

**Palavras-Chave:** Literatura juvenil contemporânea. PNBE. Representação. Cidade

## ABSTRACT

The narratives that comprise the 2013 PNBE (National Program School Library) collection for the final years of Basic Education have been selected to be the corpus of current research. The aim was to choose a representative set of texts, within the literary field, due to the importance of the program and to the way the texts were institutionally selected. Employing the qualitative-quantitative methodology developed by Dalcastagnè (2007), current investigation undertook a survey on the representation of social groups in the stories. The city space is predominant in the stories as a constitutive feature, transforming the city into a preponderant factor for the interpretation of data. In fact, spatiality puts on social and political characteristics in so far as it integrates culture.

**Keywords:** Contemporary young people's literature. PNBE. Representation. City.

*Submetido em: dezembro de 2014*

*Aprovado em: abril de 2015*